



Benedito Rodrigues da Silva Neto  
(Organizador)

# Ciências da Saúde: Da Teoria à Prática

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Benedito Rodrigues da Silva Neto  
(Organizador)

# Ciências da Saúde: Da Teoria à Prática

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C569	Ciências da saúde [recurso eletrônico] : da teoria à prática / Organizador Benedito Rodrigues da Silva Neto. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ciências da Saúde. Da Teoria à Prática; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-393-4 DOI 10.22533/at.ed.934191306  1. Saúde – Aspectos sociais. 2. Saúde – Políticas públicas. 3. Saúde – Pesquisa – Brasil. I. Silva Neto, Benedito Rodrigues da. II.Série.  CDD 362.10981
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Com grande expectativa apresentamos o primeiro volume da coleção “Ciências da Saúde: da teoria à prática”. Ao todo são onze volumes que irão abordar de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos, revisões e inferências sobre esse amplo e vasto contexto do conhecimento relativo à saúde. A obra reúne atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas em diversas regiões do país, que analisam a saúde em diversos dos seus aspectos, percorrendo o caminho que parte do conhecimento bibliográfico e alcança o conhecimento empírico e prático.

Partindo da teoria e caminhando em direção à prática observamos fundamentos e características que influenciam o contexto da saúde e que necessariamente precisam ser analisados em todos os seus âmbitos. Por mais que as estratégias nem sempre sejam as melhores, o esforço e dedicação de diversos pesquisadores brasileiros tem fomentado e promovido a saúde.

Assim, nesse primeiro volume, observamos e selecionamos obras e trabalhos que agregassem conhecimento relevante associados à inteligência artificial, bioinformática, diagnóstico, avaliação clínica, terapêutica, doenças genéticas, intervenções farmacêuticas, avaliação de medicamentos, doenças virais dentre outras diversas temáticas ligadas à pesquisa básica e desenvolvimento.

Assim apresentamos nesse primeiro volume, conteúdo importante não apenas pela teoria bem fundamentada aliada à resultados promissores, mas também pela capacidade de professores, acadêmicos, pesquisadores, cientistas e principalmente da Atena Editora em produzir conhecimento em saúde nas condições ainda inconstantes do contexto brasileiro. Nosso profundo desejo é que este contexto possa ser transformado a cada dia, e o trabalho aqui presente pode ser um agente transformador por gerar conhecimento em uma área fundamental do desenvolvimento como a saúde.

Benedito Rodrigues da Silva Neto

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A AÇÃO DA CRANIOPUNCTURA ASSOCIADA A EXERCÍCIOS FÍSICOS NA REABILITAÇÃO DE INDIVÍDUOS COM DÉFICIT NEUROFUNCIONAL	
Carolina Maria Baima Zafino Carmen Silvia da Silva Martini Reginaldo Silva Filho Lorena Cristier Nascimento de Araújo Luhan Ammy de Andrade Picanço Jéssica Farias Macedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9341913061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A ASSOCIAÇÃO DA PARALISIA FACIAL COM OS VÍRUS DO HERPES	
Ariadna Cordeiro Andrade Cecília Corrêa Fernandes Maria Luiza Ruas Andrade Krystian Bernard Pereira Rocha Victor Rocha Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9341913062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA DERMATOLOGIA	
Sara Detomi Teixeira Henrique Alvarenga da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9341913063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>29</b>
ADENOCARCINOMA COLORRETAL COM METÁSTASE PERITONEAL: POSSIBILIDADES TERAPÊUTICAS NO RELATO DE UM CASO	
Marcelle Cronemberger de Miranda Carvalho Cássy Geovanna Ferreira Moura Luísa Almendra Freitas Cortez Maria Cristina Moura Parentes Sampaio Marília Medeiros de Sousa Santos Danilo da Fonseca Reis Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9341913064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>35</b>
ANÁLISE DE PLATAFORMAS E METODOLOGIAS PARA INTERAÇÃO PROTEINA-PROTEINA COMO FERRAMENTA <i>IN SILICO</i>	
Rassan Dyego Romão Silva Benedito R. Da Silva Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9341913065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>47</b>
ANEURISMA AÓRTICO: PRINCIPAIS FATORES DE RISCO PARA DIAGNÓSTICO	
Paulo Ricardo dos Santos Miliane Gonçalves Gonzaga Marcelo Melo Martins Rodolfo Cintra e Cintra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9341913066</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>50</b>
ANÁLISE DOS OVÓCITOS DO <i>Phragmatopoma caudata</i> UTILIZANDO A TÉCNICA HISTOLÓGICA DO PAS	
<p>Maria Gabriela Vieira Oliveira da Silva  Betty Rose de Araújo Luz  Júlio Brando Messias  Sura Wanessa Nogueira Santos Rocha  Mônica Simões Florêncio</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9341913067</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>58</b>
AVALIAÇÃO DA AUTOMEDICAÇÃO EM CRIANÇAS ANTES DA INTERNAÇÃO HOSPITALAR	
<p>Alanne Kelly Mamede da Silva  Karla Veruska Marques Cavalcante Costa  Diego Nunes Guedes  Nadja de Azevedo Correia  Katy Lisias Gondim Dias de Albuquerque</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9341913068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>73</b>
AVALIAÇÃO DO IMPACTO DA EXPOSIÇÃO AOS POLUENTES DO AR NAS INTERNAÇÕES POR DOENÇAS RESPIRATÓRIAS EM CRIANÇAS, SEGUNDO O SEXO	
<p>Tatiane Cristino Costa  Ana Cristina Gobbo César</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9341913069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>89</b>
COMPARAÇÃO ENTRE A AVALIAÇÃO CLÍNICA E A UTILIZAÇÃO DE SOFTWARE DIGITAL NA CARACTERIZAÇÃO DE FERIDAS	
<p>Thauana Sanches Paixão  Márcia Aparecida Nuevo Gatti  Sandra Fiorelli de Almeida Penteado Simeão</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>100</b>
COMUNIDADE DE ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO TÉCNICO-CIENTÍFICO DOS CAMPOS GERAIS NA ANÁLISE DE PROCESSOS LINFOPROLIFERATIVOS NA DOENÇA DE HODGKIN	
<p>Fábio Henrique Carneiro  Iara Iasmin Lima Grandó  Wesley Lirani  Luana Lopes  Évelyn Amanda Baller  Mario Rodrigues Montemor</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130611</b>	

**CAPÍTULO 12 ..... 105**

CONCORDÂNCIA NO RISCO CARDIOVASCULAR NO DOENTE RENAL CRÔNICO A PARTIR DE INDICADORES ANTROPOMÉTRICOS

Raimunda Sheyla Carneiro Dias  
Elton Jonh Freitas Santos  
Cleodice Alves Martins  
Antônio Pedro Leite Lemos  
Heulenmacya Rodrigues de Matos  
Elane Viana Hortegal Furtado

**DOI 10.22533/at.ed.93419130612**

**CAPÍTULO 13 ..... 116**

CONHECIMENTO E PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA SOBRE USO DE PLANTAS MEDICINAL E FITOTERÁPICOS

Fernanda Bezerra Borges  
Diêla dos Santos Cunha  
Walkelândia Bezerra Borges  
Lucilândia de Sousa Bezerra  
Darkianne Leite da Silva  
Maria Aurilene Feitosa de Moura Gonçalves  
Aryella Daianny Dias Ferreira  
Nerley Pacheco Mesquita  
Kaliny Vieira dos Santos Alves Pereira  
Rita de Cassia Dantas Moura  
Rayara Isabella Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.93419130613**

**CAPÍTULO 14 ..... 125**

DIETILCARBAMAZINA (DEC) PROTEGE CONTRA HEPATOTOXICIDADE AGUDA INDUZIDA POR TETRACLORETO DE CARBONO (CCl<sub>4</sub>) EM CAMUNDONGOS, POR REDUZIR MARCADORES PRÓ-INFLAMATÓRIOS E ESTRESSE OXIDATIVO

Sura Wanessa Santos Rocha  
Bruna Viviane Silva Rufino  
Lorena Alves Cordeiro Barros  
Débora Raquel Bezerra Albuquerque  
Luana Caroline da Silva Feijó  
Christina Alves Peixoto

**DOI 10.22533/at.ed.93419130614**

**CAPÍTULO 15 ..... 130**

ELABORAÇÃO DE PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR PARA PACIENTE ACOMETIDO DE AVE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Leandro Cardozo dos Santos Brito  
Ana Paula Vieira da Costa  
Bianca Stéfany Aguiar Nascimento  
Walana Érika Amâncio Sousa  
Sara Ferreira Coelho  
Andreia Nunes Almeida Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.93419130615**



<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>145</b>
ESCLEROSE MÚLTIPLA, MEMÓRIA VISUOMOTORA E IMAGEM RESSONÂNCIA MAGNÉTICA FUNCIONAL	
Carmen Silvia da Silva Martini Manuel Ferreira da Conceição Botelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>163</b>
ESTUDO DE ASSOCIAÇÃO ENTRE ESCLEROSE MÚLTIPLA E <i>HLA-DRB1*</i> EM UMA POPULAÇÃO MISCIGENADA DE SALVADOR, BA	
Thaiana de Oliveira Sacramento Roberto José Meyer Denise Carneiro Lamaire Maria Teresita Bendicho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>176</b>
ESTUDO DE CASOS: DOENÇA DE CREUTZFELDT-JAKOB	
Tiberio Silva Borges dos Santos Franciluz Morais Bispo Marcília Fellippe Vaz de Araújo Marx Lincoln Lima De Barros Araújo Bruna Rufino Leão Isabella Silva Sombra Isadora Maria de Carvalho Marques Kelvin Hagi Silva Fonseca Pedro Jorge Luz Alves Cronemberger Vinícius Veras Pedrosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>183</b>
FABRICAÇÃO DE PRÓTESES DE MÃO COM O USO DE IMPRESSORA 3D DE PEQUENO PORTE	
Júlia Vaz Schultz Maria Isabel Veras Orselli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>193</b>
HIPERTIREOTROPINEMIA TRANSITÓRIA E ALTERAÇÃO DA 17-OH-PROGESTERONA EM LACTENTE NEUROPATA	
Jussara Silva Lima Valéria Cardoso Alves Cunali Luciana de Azevedo Tubero Vandui da Silva dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130620</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>202</b>
HOMENS CEARENSES E OBESIDADE MÓRBIDA: PERFIL E PERCEPÇÕES NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA	
Francisco Ricardo Miranda Pinto Carlos Antonio Bruno da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130621</b>	

<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>213</b>
IDENTIFICANDO E PREVENINDO A OCORRÊNCIA DE TRAUMA MAMILAR EM PUÉRPERAS ATENDIDAS NO PROJETO CEPP	
<p>Ana Paula Xavier Ravelli  Fabiana Bulchodz Teixeira Alves  Laryssa De Col Dalazoana Baier  Pollyanna Kássia de Oliveira Borges  Suellen Viencoski Skupien</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130622</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>220</b>
INCIDÊNCIA DE INCOMPATIBILIDADES MEDICAMENTOSAS EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL, UM ESTUDO DE ESTRATÉGIA PREVENTIVA	
<p>Alessandra Couto Boava  Fabiana da Silva Fisnack Ronque  Cristiane Eloíza Venâncio Guedes  Andreia Cristina Zago Silva</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130623</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>230</b>
INSUFICIÊNCIA CARDÍACA À DIREITA E SUA MODIFICAÇÃO ESTRUTURAL	
<p>Paulo Ricardo dos Santos  Miliane Gonçalves Gonzaga  Paulinne Junqueira Silva Andresen Strini  Polyanne Junqueira Silva Andresen Strini</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130624</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>234</b>
INTERVENÇÕES FARMACÊUTICAS REALIZADAS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL (UTIN) DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO SÃO FRANCISCO (HUSF)	
<p>Fabiana da Silva Fisnack  Alessandra Couto Boava  Cristiane Eloiza Venâncio Guedes  Andreia Cristina Zago da Silva  Flavia Rigos Salgueiro</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130625</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>244</b>
LEISHMANIOSE VISCERAL NO MUNICÍPIO DE SÃO LUÍS – MA	
<p>Fernanda de Castro Lopes  Rita Rozileide Nascimento Pereira  Marcelino Santos Neto  Mara Ellen Silva Lima  Mirtes Valéria Sarmento Paiva  Atilla Mary Almeida Elias</p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93419130626</b>	

**CAPÍTULO 27 ..... 249**

O CONHECIMENTO DE GESTANTES SOBRE O DESENVOLVIMENTO NEUROPSICOMOTOR DO BEBÊ

Fernanda Anversa Bresolin  
Flávia Menezes  
Ester Vacaro  
Morgana Ieda Vanelli  
Luciane Najjar Smeha  
Nadiesca Taisa Filippin

**DOI 10.22533/at.ed.93419130627**

**CAPÍTULO 28 ..... 262**

OCORRÊNCIA DE FIBRILAÇÃO ATRIAL NO PÓS-OPERATÓRIO IMEDIATO DE CIRURGIA DE REVASCULARIZAÇÃO DO MIOCÁRDIO

Ana Maria Rodrigues Martins  
Maria de Fátima Rodrigues de Sousa  
Maria Ducarmo Pereira Barros Sousa  
Sílvia Emanoella Silva Martins de Souza  
André Ribeiro da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.93419130628**

**CAPÍTULO 29 ..... 279**

PRESENÇA DE LACTOSE EM MEDICAMENTOS ISENTOS DE PRESCRIÇÃO

Marcia Otto Barrientos  
Fernanda Cristina Figueira Teixeira  
Roberto Paulo Correia Araújo

**DOI 10.22533/at.ed.93419130629**

**CAPÍTULO 30 ..... 293**

RESPOSTA VIROLÓGICA DOS PACIENTES COM HEPATITE CRÔNICA C AO TRATAMENTO COM ANTIVIRAIS DE AÇÃO DIRETA EM UM CENTRO DE REFERÊNCIA NA AMAZÔNIA OCIDENTAL BRASILEIRA

Sílvia Grescia de Almeida Quispe

**DOI 10.22533/at.ed.93419130630**

**CAPÍTULO 31 ..... 306**

TERAPIA POR ONDA DE CHOQUE EM PACIENTE COM LESÃO MUSCULOTENDÍNEA E OSTEOMIOARTICULARES

Roberta Mara de Carvalho Reis  
Ernesto de Pinho Borges Júnior  
Ingrid Limeira da Silva  
Leila Maria da Silva costa  
Renandro de Carvalho Reis  
Maria Augusta Amorim Franco de Sá .

**DOI 10.22533/at.ed.93419130631**

**CAPÍTULO 32 ..... 313**

TRIAGEM AUDITIVA EM USUÁRIOS DE FONE DE OUVIDO DA COMUNIDADE JARACATY

Julliana Borges Vieira  
Elias Victor Figueiredo dos Santos  
Rachel Costa Façanha

**DOI 10.22533/at.ed.93419130632**

**CAPÍTULO 33 ..... 327**

USO PROLONGADO DE FÁRMACOS INIBIDORES DA BOMBA DE PRÓTONS: EFEITOS DELETÉRIOS NUTRICIONAIS E GASTROESOFÁGICOS

Maria Tereza Pereira Gonçalves  
Regislene Bomfim de Almeida Brandão  
Maria Clara Marinho Egito Santos Macedo  
Kalina Marques Linhares  
Ticiane Brito da Costa  
Keila Regina Matos Cantanhede

**DOI 10.22533/at.ed.93419130633**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 335**

## AVALIAÇÃO DA AUTOMEDICAÇÃO EM CRIANÇAS ANTES DA INTERNAÇÃO HOSPITALAR

### **Alanne Kelly Mamede da Silva**

Graduada em Farmácia. Departamento de Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB.

### **Karla Veruska Marques Cavalcante Costa**

Doutora em Farmacologia de Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos. Departamento de Fisiologia e Patologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB.

### **Diego Nunes Guedes**

Doutor em Farmacologia de Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos. Departamento de Fisiologia e Patologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB.

### **Nadja de Azevedo Correia**

Doutora em Ciências Biológicas pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP. Departamento de Fisiologia e Patologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB.

### **Katy Lisias Gondim Dias de Albuquerque**

Doutora em Farmacologia de Produtos Naturais e Sintéticos Bioativos. Departamento de Fisiologia e Patologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB. *Orientador e autor de correspondência.*

**RESUMO:** A automedicação baseia-se no uso de medicamentos sem o consentimento médico, com o objetivo de tratar, aliviar os sintomas ou doenças apresentadas pelo indivíduo.

Esta prática pode acarretar sérios danos ao paciente, como por exemplo, intoxicação, sendo as crianças um dos grupos populacionais mais atingidos por intoxicação medicamentosa. Dessa forma, esse estudo visa avaliar a prática de automedicação em crianças, por seus responsáveis, antes de serem internadas no hospital e analisar se esta prática leva ou não ao agravamento do quadro. O presente estudo trata-se de uma pesquisa descritiva transversal, desenvolvida no Hospital Universitário Lauro Wanderley, no qual foi utilizado um questionário como instrumento de estudo utilizado aplicado aos acompanhantes e/ou responsáveis das crianças e aos Pediatras responsáveis pela ala pediátrica do respectivo hospital. Nesse estudo foi possível constatar uma prevalência de 81% de automedicação em crianças antes da internação e dessas, 38,3% possuíam idade menor que um ano, sugerindo que essa prática é bastante elevada nessa faixa etária e que essa prática pode trazer complicações graves para essas crianças. Dos Pediatras entrevistados, 71,4% afirmou que esta prática mascara os sintomas e conseqüentemente agrava a doença. Eles também relataram que não dá para afirmar que o agravamento do quadro, durante a internação, esteja relacionado à automedicação realizada pelos pais ou responsáveis antes de levar a criança ao hospital. Diante do exposto, pode-se concluir que a automedicação pode

trazer consequências perigosas à saúde da criança e que o Farmacêutico, através da atenção farmacêutica, pode diminuir os riscos causados por essa prática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Automedicação, Crianças, Atenção Farmacêutica.

**ABSTRACT:** Self-medication is based on the use of medicines without medical consent, in order to treat, alleviate the symptoms or illnesses presented by the individual. This practice can lead to serious harm to the patient, such as intoxication, with children being one of the population groups most affected by drug poisoning. Thus, this study aims to evaluate the practice of self-medication in children, by their parents, before being admitted to the hospital and to analyze whether this practice leads to the worsening of the condition. The present study is a cross-sectional descriptive study developed at the Lauro Wanderley University Hospital, in which a questionnaire was used as a study instrument used for the caregivers and / or caregivers of the children and Doctors responsible for the pediatric ward of the respective hospital. In this study, it was possible to verify a prevalence of 81% of self-medication in children before hospitalization, and of these, 38.3% were younger than one year, suggesting that this practice is quite high in this age group and this practice can bring serious complications to these children. Of the Doctors interviewed, 71.4% said that this practice masks the symptoms and consequently aggravates the disease. They also reported that it can not be said that the worsening of the condition during hospitalization is related to the self-medication performed by the parents or guardians before taking the child to the hospital. In view of the above, it can be concluded that self-medication can have dangerous consequences for the child's health and that the Pharmacist, through pharmaceutical care, can reduce the risks caused by this practice.

**KEYWORDS:** Self-medication, Children, Pharmaceutical Care.

## 1 | INTRODUÇÃO

Nos moldes econômicos capitalistas, a saúde deixou de ser uma razão existencial do ser humano, ao se tornar área de atividade econômica e objetivo principal de ampliação de mercado (SILVA; CATRIB; MATOS; GONDIM, 2011). De acordo com a Sociedade Brasileira de Vigilância de medicamentos (2011), o medicamento como componente do complexo médico industrial influencia na percepção da saúde e da doença, nesse contexto, o medicamento não é visto apenas como substância química, mas está acompanhado por uma comitiva de publicidade, informação, brindes, estudos, entre outros, desta forma configurando um modo de pensar.

A indústria farmacêutica utiliza a propaganda, um dos principais recursos de marketing, para persuadir as pessoas a comprarem produtos farmacêuticos, ainda que não tenham real necessidade de consumi-los. Porém, não utiliza desse recurso para alertar os usuários sobre os riscos envolvidos no consumo indiscriminado de substâncias farmacológicas e nem para o fato de que todo medicamento, mesmo de venda livre, deve ser consumido com consciência e responsabilidade (SILVA ;

VELOZO; CUNHA , 2011).

Dessa forma, as marcas mais lembradas são aquelas que melhor anunciam seu produto (PALÁCIOS et al.,2008). Entretanto, sua má qualidade pode causar inúmeros problemas, dentre eles: levar à prática da automedicação, causar intoxicações graves, complicações de doenças já existentes, além de incentivar a aquisição de produtos ineficazes ou inadequado (NETO et al, 2012).

De acordo com Naves et al. em 2010, a automedicação baseia-se na seleção e uso de medicamentos, objetivando tratar, aliviar doenças ou sintomas percebidos, sem a prescrição ou a supervisão de um profissional capacitado. Ainda nesse contexto, segundo Bito et al. em 2013, a automedicação pode “mascarar” sintomas associados a doenças de maior gravidade, trazendo como consequências não só o diagnóstico tardio, como também o seu tratamento, o que contribui para o agravamento do estado de saúde.

Segundo com a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), cerca de 80 milhões de pessoas são adeptas da automedicação (ARRAIS, et al., 1997). Além disso, segundo a ABIFARMA, anualmente, no Brasil , cerca de 20 mil pessoas morrem, vítimas da automedicação. Um estudo realizado no Brasil mostra uma prevalência de automedicação infantil de 56%, o que indica um consumo elevado, principalmente para crianças menores de dois anos (MORAES et al., 2013).

Segundo Souza et al. em 2008, anualmente no Brasil ocorrem cerca de vinte e quatro mil mortes por exposição tóxica a medicamentos, o que corrobora com o fato de que o país ocupa a quinta posição no consumo mundial de medicamentos sem prescrição e o primeiro lugar na América Latina. De acordo com pesquisas feitas pela ANVISA, os medicamentos mais utilizados na prática da automedicação são os analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios, sendo estes os maiores causadores de eventos tóxicos (CARCUTE, 2007).

Segundo Martinez et al. em 2014, a frequência de uso de medicamentos para dor é bastante alta, sendo os analgésicos (45,5%) e anti-inflamatórios (55,3%) os mais consumidos. Isso se justifica por serem medicamentos que não necessitam de receita médica para a aquisição, facilitando, desta forma, a prática da automedicação.

Neste contexto, o Farmacêutico, enquanto profissional de saúde, pode orientar o paciente quanto à utilização do medicamento, investigar qual a finalidade da utilização dos medicamentos isentos de prescrição (MIPs) e avaliar se é realmente necessário ou se a escolha medicamentosa é a mais adequada. Dessa forma, o Farmacêutico evita a automedicação inadequada, garantindo a segurança do paciente através da indicação farmacêutica (BITO et al., 2013).

Este trabalho teve como objetivo principal caracterizar a prática de automedicação em crianças, por seus responsáveis, antes de serem internadas em um hospital da cidade de João Pessoa e avaliar clinicamente se essa prática influenciou no quadro clínico do paciente. O grupo populacional avaliado é mais susceptível a intoxicações medicamentosas, pois os responsáveis ao optar pela automedicação nem sempre

estão munidos das orientações necessárias para lidar com doses pediátricas, o que pode gerar grandes e sérios danos à criança.

## 2 | METODOLOGIA

Esse estudo tratou-se de uma pesquisa descritiva transversal, realizada com os acompanhantes e/ou responsáveis de crianças e adolescentes, de 0 a 12 anos de idade internadas no Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW) e com os Pediatras responsáveis pela ala pediátrica do referido hospital. Utilizou-se, como instrumento de abordagem, um questionário, destinado aos acompanhantes e/ou responsáveis, com dezoito perguntas objetivas. Além disso, foi aplicado um questionário diferenciado para os Pediatras, o qual possuía quatro perguntas objetivas e uma pergunta subjetiva. A participação na pesquisa foi concedida mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de modo que se estabeleceu o respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconheceu sua vulnerabilidade, assegurou sua vontade de contribuir e permanecer na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida.

Os resultados foram analisados e expressos em porcentagem, dispostos na forma de gráficos e tabelas. As análises estatísticas foram realizadas, utilizando o teste de qui-quadrado, no programa SPSS versão 18.0, pois é o teste mais indicado para associar variáveis categóricas, tais como, sexo, escolaridade, dentre outras.

## 3 | RESULTADOS

Esse estudo avaliou a automedicação em crianças, quinze dias antes da internação hospitalar, durante o mês de maio de 2015. Foram entrevistadas 58 acompanhantes e/ou responsáveis pelas crianças internadas. Dos 58 responsáveis e/ou acompanhantes, 81% afirmaram realizar a automedicação nas crianças antes da internação (gráfico 1), 38,3% das crianças automedicadas apresentava idade inferior a 1 ano e 36,2% estavam na faixa etária entre 1 a 4 anos (Tabela 1). A automedicação é uma prática comumente realizada e que pode causar inúmeros prejuízos à saúde da população, sobretudo em crianças, pois a infância é uma fase de intensas modificações fisiológicas (ABRAHÃO et al., 2013).

Um estudo semelhante foi realizado no Serviço de Emergência do Hospital Nossa Senhora da Conceição – Tubarão (SC) e mostrou uma porcentagem inferior, porém ainda elevada, em que 60,6% cuidadores automedicaram as crianças antes da procura ao Serviço de Emergência (SOUZA et al., 2013).



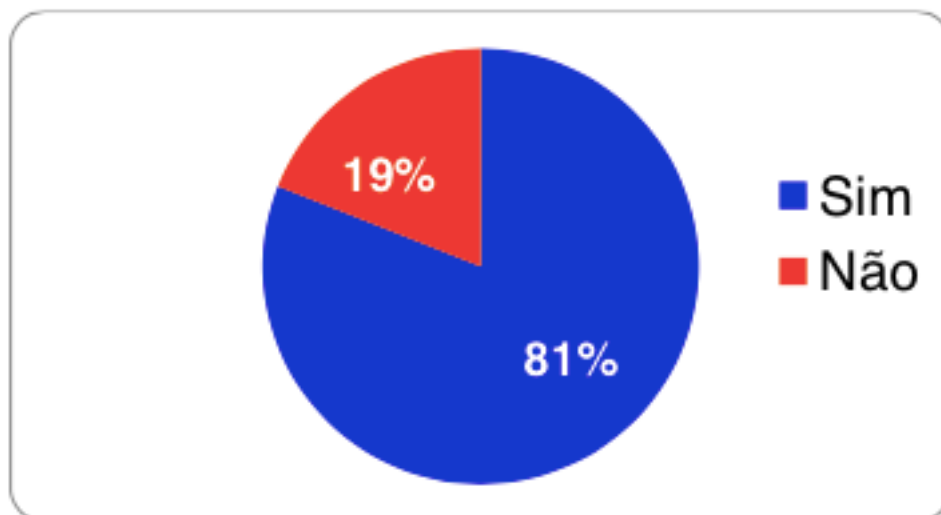


Gráfico 1: Prevalência da automedicação em crianças nos últimos 15 dias antes da internação.

Faixa etária das crianças	Automedicação		P
	Sim	Não	
< 1 ano	38,3%	54,5%	4,681
1-4 anos	36,2%	9,1%	
5-9 anos	10,6%	27,3%	
10-12 anos	14,9%	9,1%	

Tabela 1: Automedicação em crianças de acordo com a faixa etária das crianças.

Ao questionar a conduta dos responsáveis quando as crianças apresentam os primeiros sintomas, 36,2% dos entrevistados declarou que sua atitude inicial era de dar o medicamento, esperar o(s) sintoma(s) desaparecer e só, se persistir, leva ao Médico (Tabela 2). Estes resultados sugerem que um grande percentual de criança são automeDICADAS pelos pais e/ou responsáveis quando aparecem os primeiros sintomas, buscando uma tentativa de solucionar o problema ou amenizar os sintomas da doença. De acordo com o dados apresentados por Telles Filho et al., (2013), em seu estudo, 30% dos entrevistados fizeram uso da automedicação com a justificativa de “já estar acostumado a autoadministrar”, e que 24% relataram “já possuir o remédio em casa”. Diante disso, observa-se a falta de conhecimentos dos pais ou responsáveis dos efeitos colaterais, posologia e contraindicações dos fármacos.

Conduta	n	%
Procura informações com alguém e automeDica	08	13,8
Dar o medicamento, espera o(s) sintoma(s) desaparecer e só, se persistir, leva ao médico	21	36,2

Leva de imediato ao médico	18	31,0
----------------------------	----	------

Tabela 2: Conduta dos responsáveis e/ou acompanhantes quando a criança apresenta os primeiros sintomas.

A automedicação em crianças de zero a 14 anos de idade necessita de mais cuidado, pois existem restrições, para o uso de medicamentos, de indicação e de faixa etária (CRUZ et al., 2014)

Segundo Tavares et al., 2013, o principal agente causal de intoxicação em crianças foram os medicamentos (113 casos estudados – 35,2%). No Brasil, em 2012, segundo o SINITOX, foram registrados 10.654 casos de intoxicações por medicamentos em crianças até 14 anos. Destes, 6607 casos ocorreram em crianças de 1- 4 anos (TELLES FILHO et al., 2013).

Os principais motivos que levaram à automedicação, exibido na tabela 3, foram, em primeiro lugar, a longa espera pelo atendimento (27,6%), seguido pelo fácil acesso aos medicamentos (20,7%). Este resultado pode está relacionado ao grande problema nos serviços de saúde em que enfrentamos, como superlotação e longa espera pelo atendimento.

Segundo os estudos realizados por Freitas et al., (2012) os principais motivos que levam à automedicação foram o acesso fácil aos medicamentos, por acharem que não há problemas para a saúde; e por fim, participantes que seguiram a indicação de alguém próximo que usou e melhoraram os sintomas. Resultados semelhantes foram encontrados por Vilarino et al., (1998), em que os principais motivos foram que o medicamento utilizado para automedicação foi indicado por alguém, o fácil acesso aos medicamentos e falta de dinheiro para ir ao médico.

Motivos	N	%
Não causa problemas na saúde	06	10,3
Fácil acesso aos medicamentos	12	20,7
Elevado custo de consultas médicas	03	5,2
Longa espera pelo atendimento	16	27,6
Alguém próximo usou e melhorou dos sintomas que eram parecidos	10	17,2

Tabela 3: Motivos que levaram os acompanhantes e/ou responsáveis à prática da automedicação nas crianças.

Os principais responsáveis pela indicação do medicamento utilizado na automedicação foram receitas antigas e familiares, conforme o gráfico 2. Estes resultados ajudam a explicar que o grande número de pessoas que recorreram a receitas antigas, provavelmente, deve-se á coincidência de sintomas já apresentados anteriormente, fato que não anula o risco, pois não se sabe ao certo se o diagnóstico seria o mesmo. Logo, existem diversas doenças com sintomas semelhantes.

Em segundo lugar ficaram os familiares, supostamente pela confiança que estes depositam, principalmente quando se trata de mães jovens e de “primeira viagem” pela inexperiência.

Freitas et al., (2012), em seu estudo realizado na população do município de Friburgo-SC, afirma que, a automedicação foi decorrente, principalmente, da indicação dos familiares. Enquanto que, Arrais et al. (1997) declara que à decisão do usuário quanto à escolha do medicamento foi basear-se em receitas antigas (40%) e em sugestões de pessoas não qualificadas (51%).

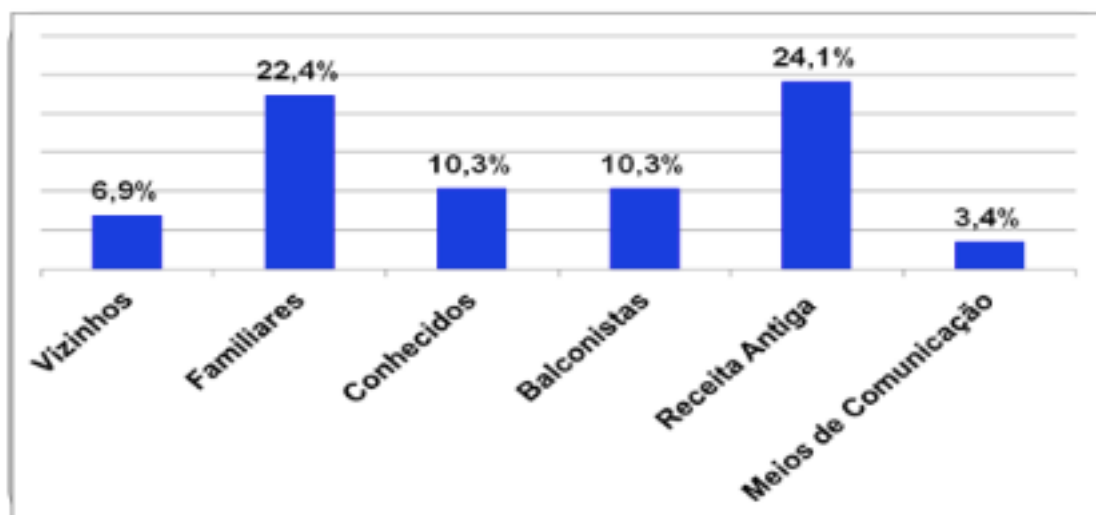


Gráfico 2: Responsável pela indicação dos medicamentos sem prescrição médica.

No presente estudo, a classe terapêutica mais utilizada na automedicação foi analgésico/antipirético (47,4%), sugerindo que são utilizados para os primeiros sintomas da maioria das doenças.

De acordo com os estudos realizados por Albuquerque et al., (2015) e Freitas et al., (2012), sobre automedicação, evidenciaram que os analgésicos/antipiréticos são as classes terapêuticas mais utilizadas, considerando que esses estudos não foram realizados com crianças. Portanto, conclui-se que essa classe terapêutica é a mais utilizada independente de faixa etária.

Segundo Telles Filho, et al (2013), em seu estudo realizado em criança de zero a cinco anos, os medicamentos mais utilizado pela automedicação foram dipirona (54%), paracetamol (36%) e xaropes para tosse (22%). Os dados da literatura são semelhantes aos apresentados por esse estudo, sendo os analgésicos/antipiréticos com 47,4% e em segundo lugar, o xarope para tosse com 14,2%, conforme a tabela 4.

Classe terapêutica	%
Analgésico/Antipirético	47,4
Xarope para tosse	14,2

Gotas otológicas	1,3
Medicamentos para resfriados/gripes	6,4
Antiinflamatório	3,8
Antialérgico/Anti-histamínico	7,7
Descongestionantes nasais/Vasoconstrictores nasais	6,4
Antiespasmódico	6,4
Outros	6,4

Tabela 4: Classes terapêuticas mais utilizadas na automedicação das crianças, antes da internação, pelos acompanhantes e/ou responsáveis.

As classes terapêuticas mais utilizadas pela automedicação, reladas acima, como os analgésicos/antipiréticos são medicamentos de venda livre, e podem ocasionar diversas consequências, como: reações de hipersensibilidade, anemia, hemorragias digestivas, úlceras gastroduodenais, dentre outros (SOUZA et al., 2010). Além dos riscos relatados acima, o alívio momentâneo dos sintomas pode mascarar a doença de base e conseqüentemente agravá-la, isto explica o que foi relatado por 71,4% dos pediatras que participaram desse estudo.

Das causas (doenças) que levaram à automedicação, está, em primeiro lugar, a febre (26%), seguidas de afecções respiratórias (15,6%) e resfriados/gripes (9,4%). Estes resultados ajudam a explicar que a febre é o primeiro sintoma a surgir frente a um quadro clínico inespecífico, as afecções respiratórias são as doenças mais frequentes durante a infância, pois o sistema imunológico ainda está em desenvolvimento. Telles Filho et al., (2013) em seu estudo constatou que 29 pessoas também relataram a febre como a principal queixa motivadora da automedicação.

Sintomas/doença	%
Febre	26,0
Infecções respiratórias	15,6
Gripe/Resfriado	9,4
Vômito	7,3
Diarreia	6,2
Alergias	5,2
Afecções gastrointestinais	4,2
Infecção/Inflamação de garganta	3,1
Infecção inflamação de ouvido	2,1
Cefaleia	1,1
Outros	19,8

Tabela 5: Sintomas/doença que a criança apresentou antes da internação

Segundo o gráfico 3, 39,7% das crianças apresentou os sintomas por menos de uma semana antes de ser internada e 20,7% das crianças apresentou os sintomas por mais de 1 mês. Estes resultados sugerem que os responsáveis vinham automedicando

essas crianças esse tempo todo, até que não obtiveram êxito e resolveram procurar um serviço de saúde.

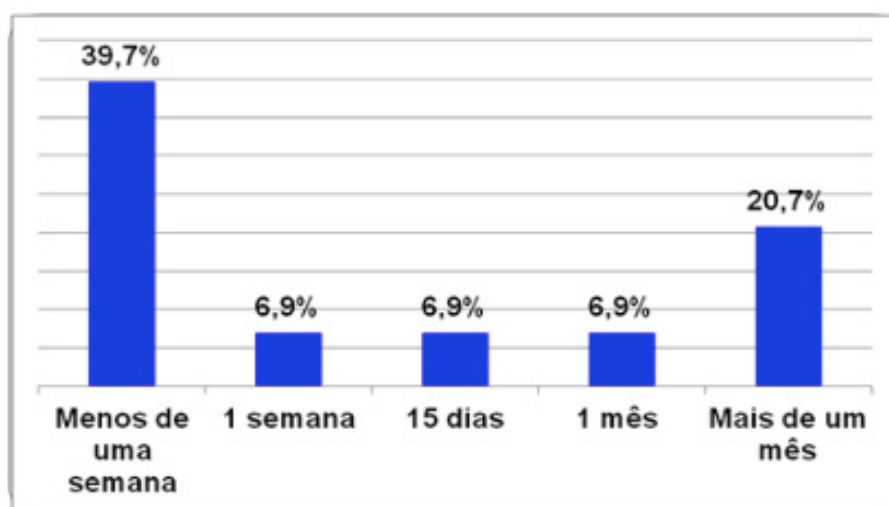


Gráfico 3: Período em que a criança apresentou os sintomas antes de ser internada.

A maioria dos entrevistados admite ter conhecimento dos riscos (46,6%) que os medicamentos utilizados na automedicação poderiam causar, mas mesmo assim automedicaram as crianças. Segundo Araújo et al. em 2014, uma forma de diminuir os riscos da automedicação seria suprir a população de mais informações sobre o uso racional de medicamentos, em especial dos isentos de prescrição médica (MIPs), assim como incentivar a população a procurar um profissional de saúde para resolução dos problemas, quando necessário. Ou seja, promover o uso racional e seguro de MIPs para o manejo de problemas de saúde autolimitados. Visto que, é inviável socioeconomicamente o atendimento médico para todos os sintomas da população.

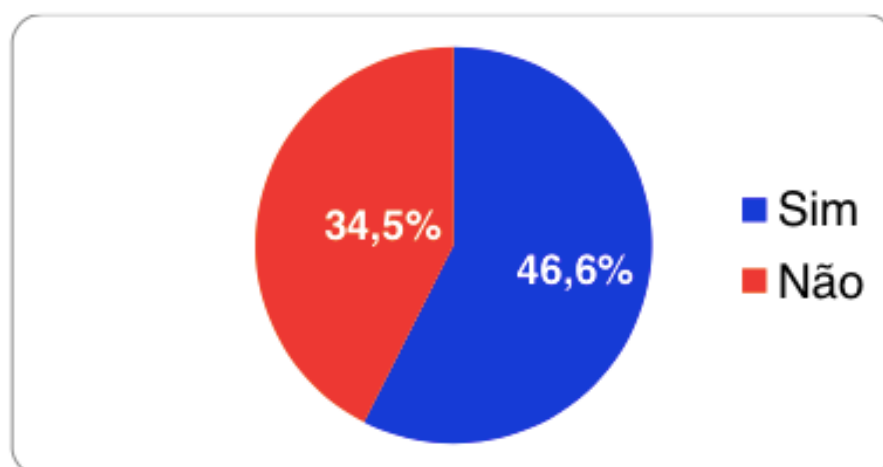


Gráfico 4: Conhecimento dos responsáveis e/ou acompanhantes dos riscos que os medicamentos utilizados na automedicação poderia causar na criança.

Durante a internação, 55,2% dos entrevistados afirmaram que as crianças

estavam apresentando melhora dos sintomas/doença com o tratamento recebido no hospital durante a internação (Gráfico 5).

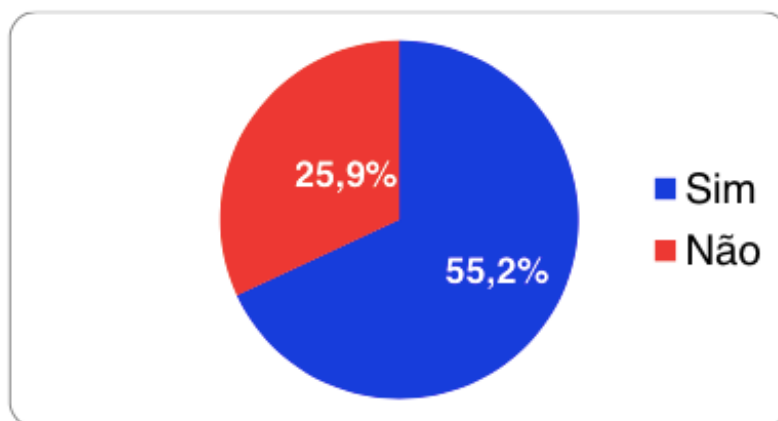


Gráfico 5: Melhora do quadro clínico das crianças, com o tratamento recebido no hospital, após duas semanas de internação.

A utilização de medicamentos com prescrição junto com a automedicação, neste estudo, foi de 32,8%. Além disso, 71,4% dos Pediatras entrevistados declararam que nem sempre o paciente relata que está se automedicando. Estes resultados sugerem que, essa associação e também a omissão ao profissional prescritor pode causar interações medicamentosas e conseqüentemente levar a efeitos indesejáveis e perigosos, podendo causar danos irreversíveis ao organismo, uma vez que as interações medicamentosas podem ser de difícil diagnóstico, pois cada organismo reage de um modo diferente diante do tratamento medicamentoso. As interações podem tanto potencializar o efeito de um medicamento, levando a quadros de toxicidade, como também promover a redução dos efeitos e, quanto maior o número de medicamentos, maior o risco de interação (OLIVEIRA; GOMES; SILVA, 2013).

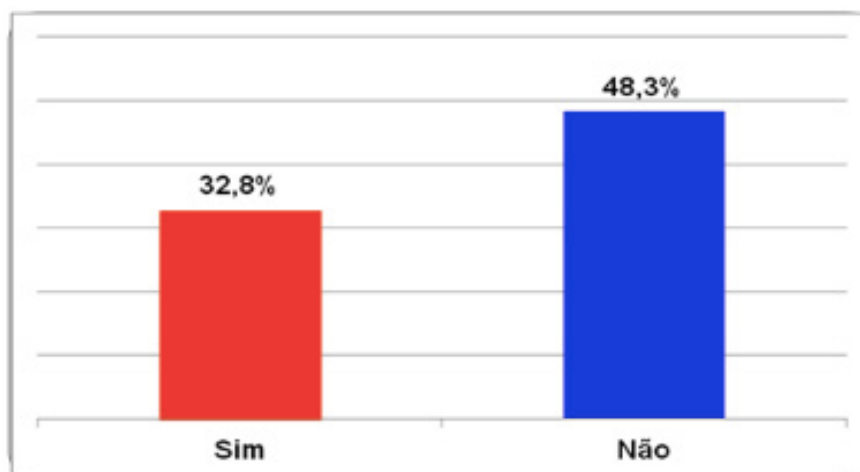


Gráfico 6: Utilização de medicamentos com prescrição médica antes da internação.

Além das entrevistas realizadas com os acompanhantes e/ou responsáveis, foram aplicados questionários com os Pediatras da Ala Pediátrica do HULW. De treze pediatras que pertencem a Ala Pediátrica, sete (53,9%) participaram deste estudo.

De acordo com 71,4% dos Pediatras entrevistados, a automedicação antes da internação pode mascarar os sintomas e conseqüentemente agravar a doença. Entretanto, 28,6% acreditam que a automedicação pode ajudar no tratamento, melhorando os primeiros sintomas (Gráfico 8).

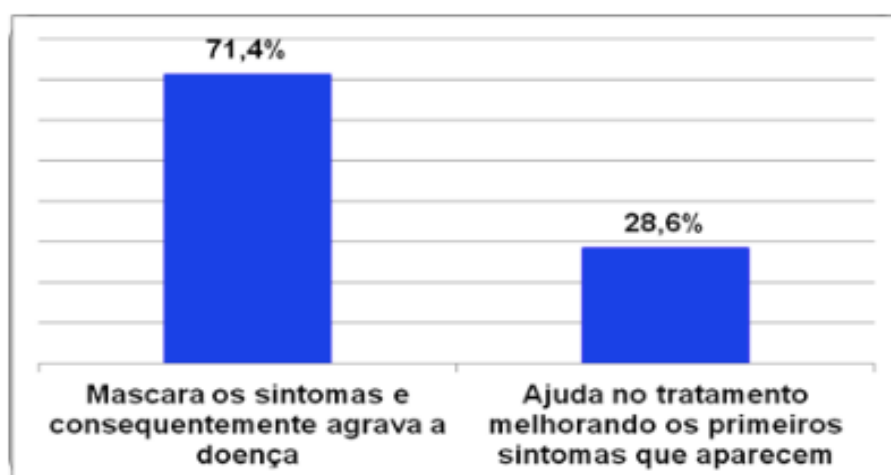


Gráfico 7: Influência da automedicação no tratamento das crianças internadas, segundo a opinião dos Pediatras.

Cerca de 71,4% dos Pediatras relataram que nem sempre são informados, pelos responsáveis das crianças, sobre a automedicação praticada por eles nestas crianças antes delas serem internadas (Gráfico 9).

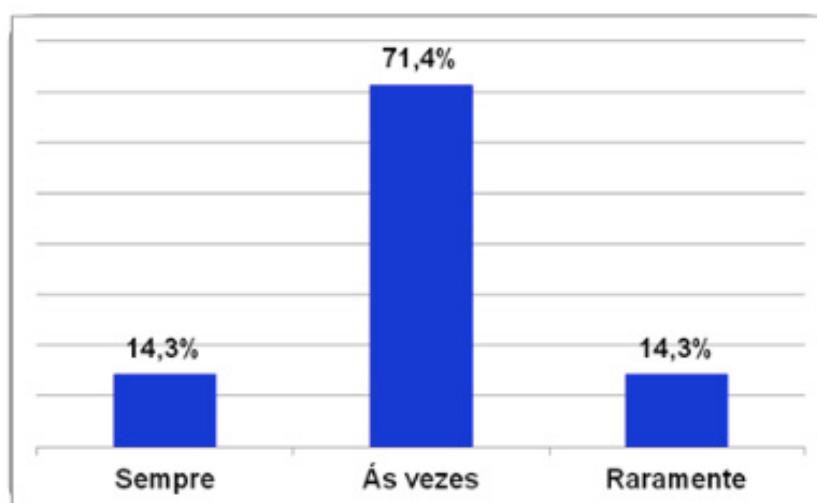


Gráfico 8: Frequência da automedicação relatada pelos pacientes aos Pediatras.

O medicamento utilizado pelos responsáveis, através da prática da automedicação

nas crianças, às vezes, está de acordo com a doença apresentada por elas, conforme 85,7% dos Pediatras (Gráfico 9).

Os Pediatras relataram que os medicamentos utilizados pelos pacientes na automedicação às vezes (85,7%) está de acordo com a doença apresentada, provavelmente em decorrência do paciente ter apresentado os mesmos sintomas já apresentados anteriormente ou pelo “conhecimento” adquirido na doença anterior que o levou a comprar o mesmo medicamento. Outros Pediatras declararam que não dá para afirmar (71,4%) se o agravamento do quadro dos pacientes está associado à automedicação.

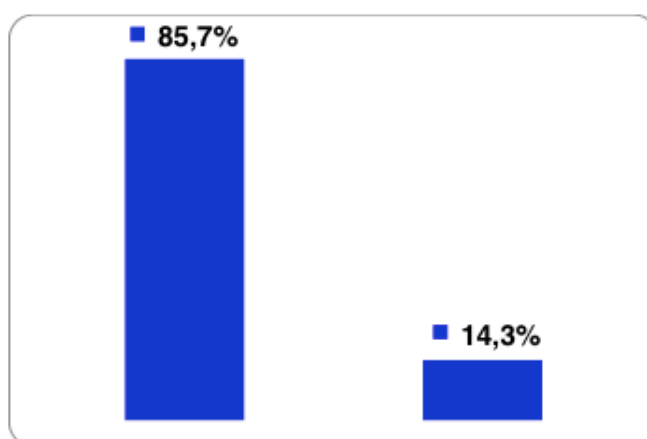


Gráfico 9: Frequência do uso dos medicamentos, pela prática da automedicação, escolhido de forma correta para a doença apresentada pela criança, segundo os Pediatras

No gráfico 10, observa-se que 71,4% dos Pediatras alegaram que não dá para afirmar que a automedicação, antes da internação, levou ao agravamento do quadro apresentado pela criança.

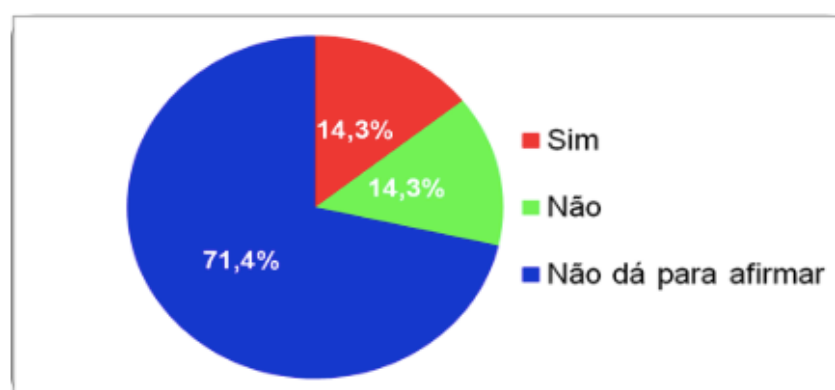


Gráfico 10: Agravamento do quadro apresentado pelo paciente em consequência da automedicação, de acordo com os Pediatras.

Todos os Pediatras que participaram da pesquisa não responderam de forma adequada quais os sintomas apresentados pelas crianças poderiam estar relacionados



ao agravamento do seu quadro provocado pela automedicação antes da internação.

## 4 | CONCLUSÃO

Diante dos resultados obtidos nesse estudo, conclui-se que há uma prevalência muito grande de automedicação em crianças com analgésicos/antipirético. Logo, isso demonstra a necessidade de promover o uso racional de medicamentos, pois a classe terapêutica mais utilizada trata-se de medicamentos isentos de prescrição e que, sem o aconselhamento de um profissional habilitado, pode trazer danos a saúde, como mascarar os sintomas e conseqüentemente agravar a doença.

Dessa forma, o Farmacêutico tem um papel imprescindível, praticando com mais ênfase a atenção farmacêutica, o que torna a farmácia um ambiente de promoção e saúde e não apenas de comércio.

Além disso, é necessário realizar outros estudos com os profissionais de saúde acerca da automedicação, pois este tema ainda é tratado por muitos com insignificância. De modo que, todos os profissionais de saúde devem ter como principal objetivo promover uma melhora qualidade de vida da população e o uso racional de medicamentos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, C. R.; GODOY, A. J.; HALPERN, R. **Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul**. Aletheia 41, p.134-153, maio/ago. 2013
- ALBUQUERQUE, L.M.A. et al . **Avaliando a Automedicação em Estudantes do Curso de Medicina da Universidade Federal Da Paraíba (UFPB)**. Revista acadêmica do centro de ciências médicas da Universidade Federal da Paraíba, Jan –Abril 2015.
- AQUINO, D. S.; BARROS, J. A. C.; SILVA, M. D. P. **A automedicação e os acadêmicos da área de saúde**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 15, n. 5, ago. 2010.
- ARAÚJO, A. L. **Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura**. Monografia (Graduação) - Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- ARRAIS, P. S. D. et al. **Perfil da automedicação no Brasil**. Revista de Saúde Pública, Universidade de São Paulo-Faculdade de Saúde Pública, Vol. 31-Número 1-1997. P 71-77. Disponível em:< <http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v31n4/2212.pdf>>. Acesso em 24.fev.2015.
- BITO, R.A.S. **Autocuidados e Automedicação na Temática da Obstipação**. 2013. 110 fl. Dissertação (Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas) - Escola de Ciências e Tecnologias da Saúde, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. 2013.
- CARCUTE, D. **Os perigos do uso inadequado de medicamentos**. Anvisa, 2007. Brasília, 6 julho. 2007. Disponível em: < <http://www.anvisa.gov.br/divulga/reportagens/060707.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2015.
- CRUZ, M. J.; DOURADO, L.F.; BODEVAN, E.C.; ANDRADE, R.A.; SANTOS, D.F. **Medication use among children 0-14 years old: opulation baseline study**. Jornal de Pediatria (Rio J). 2014; 90:608---15.

- FREITAS, K. et al .**Prevalência de automedicação do município de Fraiburgo-SC**. RIES, ISSN 2238-832X, Caçador, V.1, n.1, p. 38-58, 2012.
- MARTINEZ, E.J. et al .**Estudo da automedicação para dor musculoesquelética entre estudantes dos cursos de enfermagem e medicina da Pontifícia Universidade Católica - São Paulo**. REV. BRAS. REUMATOL. 2014; 5 4 ( 2 ) : 9 0 – 9 4.
- MORAES, C.G. et al. **Utilização de medicamentos entre crianças de zero a seis anos: um estudo de base populacional no sul do Brasil**. Cien. Saúde Colet.2013.
- NAVES, S. O. J. et al. **Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, jun., p. 1751-1762, 2010.
- NETO, C.S.L. et al . **Análise das propagandas de medicamentos veiculadas em emissoras de televisão e sua concordância com a legislação vigente**. Revista Piauiense de Saúde, p. 34-40· Vol. 1, Nº 2, Ano 2012.
- OLIVEIRA, R.I.B.; GOMES, A.T.; SILVA, D. A. **Prática da automedicação por clientes de uma farmácia comunitária do município de Muriaé-MG**. Acta Biomedica Brasiliensia / Volume 4/ nº 2/ Julho de 2013.
- PALÁCIOS, M.; REGO, S.; LINO, H.M. **Promoção e propaganda de medicamentos em ambientes de ensino: elementos para o debate**. Comunicação saúde e educação. v.12, n.27, p.893-905, out./ dez. 2008.
- SILVA, I.M.; CATRIB, A.M.F.; MATOS, V.C.; GONDIM, A.P.S. **Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde**. Revista Ciência & Saúde Coletiva, vol. 16 (suplemento 1), pág. 1651 – 1660, 2011.
- SILVA, V.C.; VELOZO,S.E.; CUNHA,R.R. **Uso racional de medicamentos versus propaganda abusiva: Percepção dos educadores e impacto das ações realizadas no município de santo Antônio de Jesus - BA** .Educação e informação em saúde. Caderno de textos acadêmicos. Agência nacional de vigilância sanitária, p 33-36, 2011.
- SISTEMA NACIONAL INFORMAÇÕES TÓXICO-FARMACOLÓGICO. **Casos, Óbitos e Letalidade de Intoxicação Humana por Agente e por Região. Brasil, 2012**. Publicado: 15 jan. 2015. Disponível
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE VIGILANCIA DE MEDICAMENTOS. **O que é uso racional de medicamentos?** São Paulo,2011.
- SOUZA, J. F.R.; MARINHO, C. L. C.; GUILAN, M. C. R. **Consumo de medicamentos e internet, análise crítica de uma comunidade virtual**.Rev. Assoc. Med. Bras. v. 54,n.3,São Paulo, Maio/ Junh.2008.
- SOUZA, L.H.T. et al . **Automedicação versus automedicação responsável: uma análise em três escolas de Alfenas-MG**. Rev. bras. odontol., Rio de Janeiro, v. 67, n. 1, p.8-12, jan./jun. 2010.
- SOUZA, M. S. et al. **Automedicação em crianças que procuram o serviço de emergência em um hospital no sul do Brasil**. Rev. Bras. Farm. 94 (1): 54-58, 2013.
- TAVARES, E.O. et al. **Fatores associados á intoxicação infantil** . Esc Anna Nery (impr.)2013 jan -mar; 17 (1):31-37.
- TELLES FILHO, P.C.P. et al. **Automedicação em crianças de zero a cinco anos: fármacos administrados, conhecimentos, motivos e justificativas**. Esc. Anna Nery vol.17 no.2 Rio de Janeiro Apr./June 2013

VILARINO, J.F. et al. **Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil.** Rev Saúde Pública, 1998.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**BENEDITO RODRIGUES DA SILVA NETO** Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2005), com especialização na modalidade médica em Análises Clínicas e Microbiologia. Em 2006 se especializou em Educação no Instituto Araguaia de Pós graduação Pesquisa e Extensão. Obteve seu Mestrado em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto de Ciências Biológicas (2009) e o Doutorado em Medicina Tropical e Saúde Pública pelo Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (2013) da Universidade Federal de Goiás. Pós-Doutorado em Genética Molecular com concentração em Proteômica e Bioinformática. Também possui seu segundo Pós doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Aplicadas a Produtos para a Saúde da Universidade Estadual de Goiás (2015), trabalhando com Análise Global da Genômica Funcional e aperfeiçoamento no Institute of Transfusion Medicine at the Hospital Universitätsklinikum Essen, Germany. Palestrante internacional nas áreas de inovações em saúde com experiência nas áreas de Microbiologia, Micologia Médica, Biotecnologia aplicada a Genômica, Engenharia Genética e Proteômica, Bioinformática Funcional, Biologia Molecular, Genética de microrganismos. É Sócio fundador da “Sociedade Brasileira de Ciências aplicadas à Saúde” (SBCSaúde) onde exerce o cargo de Diretor Executivo, e idealizador do projeto “Congresso Nacional Multidisciplinar da Saúde” (CoNMSaúde) realizado anualmente no centro-oeste do país. Atua como Pesquisador consultor da Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado de Goiás - FAPEG. Coordenador do curso de Especialização em Medicina Genômica e do curso de Biotecnologia e Inovações em Saúde no Instituto Nacional de Cursos. Como pesquisador, ligado ao Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública da Universidade Federal de Goiás (IPTSP-UFG), o autor tem se dedicado à medicina tropical desenvolvendo estudos na área da micologia médica com publicações relevantes em periódicos nacionais e internacionais.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-393-4

